



EDUCAR PARA O FUTURO: A SALA DE AULA COMO A JANELA DO MUNDO EXPERIÊNCIAS DE IMPACTO NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA

Luana Ferreira Correia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio
luanacorreia88@gmail.com

Apresentação

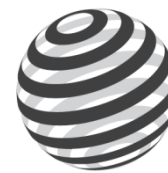
O cenário atual da educação básica no Brasil aponta para a necessidade de se pensar sobre as lacunas que envolvem o processo de ensino e aprendizagem e, remetendo às ideias de Morin (2011), quais seriam os saberes necessários à educação do futuro. Partindo dessa premissa, é inegável a importância que o professor assume nas ações que orientam a melhoria da qualidade do ensino em nosso país, o que nos remete a refletir sobre os desafios dessa profissão e os percursos formativos que envolvem o desenvolvimento desse profissional.

Morin (2011) nos inspira a (re)pensar sobre o compromisso que nós professores devemos ter com a educação das futuras gerações, privilegiando ações que orientem para uma educação transformadora, centrada no desenvolvimento da compreensão e da condição humana. Segundo o autor, a humanidade precisa de mentes mais abertas, escutas mais sensíveis e pessoas mais responsáveis e comprometidas com as transformações de si e do mundo. Assim, cabe à escola o papel de promover espaços de diálogo, para que as futuras gerações despertem para a compreensão da condição humana, respeitando as diferenças e as diversidades entre lugares, nos lugares e entre pessoas e grupos.

Partindo desta premissa, o professor não deve estar preocupado apenas em transmitir conhecimentos, mas principalmente em desenvolver nos discentes determinadas competências e habilidades, que vão possibilitar ao estudante o desenvolvimento da sua autonomia e a responsabilidade para compreender as transformações políticas, ambientais, econômicas e culturais em curso, para então agir de forma responsável nos seus diferentes contextos de vivência.

Para que isso ocorra, o professor deverá oportunizar experiências de aprendizagens capazes de fazer com que os alunos se tornem cidadãos responsáveis. Nóvoa (1992) nos faz refletir sobre as mudanças que se quer no mundo, e aponta para os desafios da formação docente na atualidade:

[...] a formação de professores deve ser concebida como uma das componentes de mudança, em conexão estreita com outros setores e áreas de intervenção, e não como uma espécie de condição prévia da mudança. A formação não se faz *antes* da mudança, faz-se *durante*, produz-se nesse esforço de inovação e de procura dos melhores percursos para a transformação da escola (NÓVOA, 1992, p. 28, grifos do autor).



Destaca-se ainda que, dentre as disciplinas ofertadas na educação básica, a Geografia assume um papel fundamental no movimento de renovação do pensamento. Isso se deve ao potencial formativo dessa disciplina na formação dos jovens para o exercício da cidadania. Na prática, esse é um dos grandes desafios do ensino de Geografia, visto que às estruturas curriculares e as estratégias metodológicas empregadas pelos professores no processo de ensino-aprendizagem ainda exploram pouco o potencial dessa disciplina em proporcionar aos alunos em formação experiências de aprendizagens capazes de fazer dos mesmos futuros cidadãos responsáveis.

Cachinho (2005) sinaliza para alguns fatores que explicam a impotência formativa da educação geográfica:

- i) Nas aulas de Geografia, a descrição dos fenômenos naturais e sociais é preferida à explicação, impossibilitando, na maioria das vezes, o questionamento por parte dos alunos;
- ii) A organização dos programas das escolas são, quase que exclusivamente, centrados nos conteúdos e não nos problemas, e sua arrumação quase sempre é feita de forma compartimentada, dificultando o relacionamento entre os assuntos;
- iii) As oportunidades para que o desenvolvimento de trabalhos de campo, fundamentais para o desenvolvimento do olhar investigativo, são quase que inexistentes, devido as burocracias que envolvem esse importante instrumento educativo;
- iv) A ditadura dos conteúdos, associada à pretensa necessidade de preparar os alunos para os exames de avaliação internas e externas, relega para o segundo plano a construção de conhecimentos centrada no aluno;
- v) A lição, quase sempre sinônimo de transmissão do conhecimento pelo professor, deixa pouco espaço para o aluno descobrir, refletir e pensar;
- vi) A falta de infraestrutura nas escolas, pouco favoráveis ao uso de tecnologias de informação que, quando bem utilizadas pelo professor, tornam a aprendizagem da geografia mais estimulante e próxima a realidade dos alunos.

Nóvoa (1992) também indica alguns motivos que fazem com que muitos professores não proporcionem aos seus alunos experiências de aprendizagens mais significativas. Para o autor, além da desvalorização do trabalho docente, os professores convivem com tensões inerentes a sua profissão

Por um lado, a tendência para separar a concepção da execução, isto é a elaboração dos currículos e dos programas da sua concretização pedagógica; (...) Por outro lado, a tendência no sentido da intensificação do trabalho dos professores, com uma inflação de tarefas diárias e uma sobrecarga permanente de atividades. (NÓVOA, 1992, s/p)

A sobrecarga de trabalho muitas vezes cega os professores da diversidade que os cerca e das demandas trazidas pelos alunos, o que faz da sala de aula um espaço de ensino e não um lugar de aprendizagem. Assim, quando negligenciado o potencial formativo da Geografia, as aulas deixam de proporcionar ao aluno experiências de aprendizagens mais significativas, o que nos leva a refletir sobre o nosso trabalho cotidiano, as práticas pedagógicas em curso e, considerando os períodos de estágio supervisionado, como colaborar para que os novos professores possam atuar de modo a despertar, nas gerações presentes e futuras, um pensamento crítico e reflexivo para enfrentar as incertezas e os desafios da condição humana.



Com o intuito de refletir sobre os problemas até aqui apresentados, o presente artigo tem como objetivo analisar como os percursos formativos, realizados através da parceria entre a universidade e a escola pública, vêm buscando superar o desencontro entre formação, inovação e educação geográfica. Para tal, foram analisados os relatos de experiências dos alunos do curso de Licenciatura em Geografia da PUC-Rio envolvidos na disciplina Estágio Supervisionado III¹, desenvolvida através da parceria entre a PUC-Rio e as turmas do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Georg Pfisterer durante o 2º semestre de 2017.

Ao realizar a disciplina de Estágio Docência na Graduação do Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC-Rio², optei por acompanhar as atividades desenvolvidas na disciplina Estágio Supervisionado III, ministrada pela professora Rejane Rodrigues. A escolha por essa disciplina se justifica, em primeiro lugar, pelo diálogo que essa estabelece com a pesquisa que venho desenvolvendo em conjunto com a professora Rejane Rodrigues (orientadora) e com o professor Augusto César Pinheiro da Silva (co-orientador) na Linha de Pesquisa em Educação Geográfica e Cidadania³ e, também, por supervisionar os alunos em período de estágio supervisionado na E.M. Georg Pfisterer.

Desafios da formação de professores de Geografia

O panorama da educação brasileira é ainda desanimador no que se refere à procura pelos cursos de licenciatura, bem como à qualidade na formação inicial e continuada de professores. Por sua vez, a falta de interesse pela carreira docente na educação básica vem estimulando a criação e a implantação de políticas públicas que incentive e valorize a formação e o desenvolvimento desse profissional.

Dentre as estratégias criadas nos últimos anos para reverter esse problema, destaca-se a formação de professores centradas na escola⁴, formação essa que tem como pressuposto que é o professor da educação básica quem conhece melhor a realidade da escola e das questões que surgem nesses espaços. A exemplo disso, podemos destacar as ações do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID⁵ e as reformas

¹ Os estagiários tinham que cumprir, por exigência da universidade, uma carga horária de aproximadamente 20 horas/aula em classes do ensino fundamental ou médio, nas formas convencionais de estágio de observação, participação ou regência.

² Disciplina obrigatória no Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC-Rio, a disciplina “Estágio Docência na Graduação” tem como objetivo o desenvolvimento de um período de atividades docentes nas disciplinas da graduação, ao longo da formação de mestre em Geografia.

³ A pesquisa intitulada “O PIBID/PUC-Rio no cenário das políticas públicas educacionais: experiências de impacto na formação de professores de Geografia na Educação Básica” tem como objetivo analisar as contribuições e os limites do PIBID na formação de professores de Geografia para a Educação Básica.

⁴ O aumento da carga horária dedicada as atividades práticas do curso de Licenciatura foram possíveis através da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB 9394/96, que orienta a educação nacional. De acordo com o Artigo 82 da referida lei, os “sistemas de ensino estabelecerão as normas para a realização dos estágios dos alunos regularmente matriculados no ensino médio ou superior em jurisdição” (BRASIL, 1996)

⁵ Criado em 2007, através da Portaria Normativa n.38, de 12 de dezembro de 2007, e implantado a partir de 2008, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID – é um programa que destina bolsas para estudantes de licenciatura (bolsistas de iniciação), professores da educação básica (supervisores) e professores das Instituições de Ensino Superior – IES (coordenadores de área e coordenadores da instituição), visando estimular a formação docente a partir da realidade das escolas públicas.



curriculares⁶ em curso. Tais ações partem do pressuposto de que é na prática que o saber profissional ganha consistência, sobretudo quando essa prática é permeada pela reflexão do fazer docente.

Sem querer estender, no escopo deste artigo, o debate sobre as políticas públicas que envolvem a formação de professores no Brasil, entendo que é a partir da maior articulação entre a universidade e a escola que novos caminhos para se pensar uma educação emancipatória se faz possível. Isso se deve ao fato de que é por meio da experiência no cotidiano escolar, que o professor em exercício ou em formação irá refletir sobre os desafios da sua profissão e buscar práticas inovadoras no sentido de mediar o conhecimento da sua disciplina de modo a promover a mudança que se quer no mundo.

Cachinho (2005), sinaliza sobre a importância da geografia nas escolas e sobre o papel dos professores no processo de descoberta das aptidões, dos interesses, dos gostos e das maneiras de ser dos seus alunos. Dentre as competências oportunizadas por essa disciplina, merece destaque as reconhecidas pelo *Geographical Association* e sistematizadas pelo autor:

Quadro 1 – Potencial formativo da Geografia

A Geografia...
<ul style="list-style-type: none">• Garante o conhecimento da localização e a compressão das relações espaciais – como os lugares encontram ligados;• Permite construir o conhecimento e a compreensão dos acontecimentos, em diferentes escalas geográficas;• Explica os padrões e os processos geográficos e aborda a complexidade dos ambientes físico e humano;• Permite a tomada de decisão bem informada sobre o ambiente e favorece a compreensão do desenvolvimento sustentável;• Estabelece relações entre os sistemas naturais, econômicos, sociais, políticos e tecnológicos;• Desenvolve a competência da leitura visual – interpretação de mapas, diagramas, fotografia aérea e imagem satélite;• Dá oportunidade, através do trabalho de campo, de realizar investigações em primeira mão sobre os lugares, o ambiente e o comportamento humano;• Estimula o interesse e a admiração pelo mundo – alimenta nos jovens o desejo da exploração e permite que estes viagem com confiança;• Permite que os jovens se tornem cidadãos ativos globais;• Ajuda os alunos a compreender que existe mais do que uma via para enfrentar um problema específico da vida real.

Fonte: Cachinho (2005)

⁶ Trata-se aqui dos princípios que regem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores (BRASIL/CNE, 2015) e das reformas decorrentes da implementação da Base Nacional Comum Curricular (2017), cujo último texto, disponibilizado em abril de 2017, prevê a reorganização das áreas das Ciências Humanas e, por conseguinte, das disciplinas que as constituem, entre elas se destaca a Geografia.



Assim consideradas, as ações voltadas para a formação inicial de professores devem ter como meta que os licenciandos desenvolvam a sua autonomia intelectual e a capacidade de articular as contribuições teóricas da sua área com as atividades profissionais cotidianas. No momento em que o professor passa a ter autonomia no desenvolvimento do seu trabalho, ele amplia as condições de pensar a sua prática, de questionar a sua realidade e de tomar decisões para realizar as suas atividades que, por sua vez, devem ser pensadas e organizadas de modo a atender o contexto em que ele desenvolve as suas ações.

Cavalcanti (2017) nos oferece uma importante contribuição ao refletir sobre os saberes necessários para uma formação sólida e de qualidade

Em primeiro lugar, um professor de Geografia necessita ter conhecimento de sua ciência de referência. Ele precisa saber Geografia. Mas, o que significa isso? Obviamente não se trata de saber todo o conteúdo produzido por essa ciência. Trata-se de saber pensar pela Geografia, de usar as referências desse campo para analisar o mundo e seus problemas, o que implica formar um pensamento geográfico por meio do conhecimento da produção geográfica ao longo da história e na atualidade, dos modos dessa produção e de seus resultados mais relevantes. O domínio pleno da Geografia é condição básica, pois, de uma formação docente de qualidade...Mas não é suficiente. (CAVALCANTI, 2017, p. 102)

O maior desafio, no entanto, consiste em articular os conteúdos geográficos com as estratégias metodológicas para que o processo de ensino-aprendizagem se desenvolva com qualidade. Segundo Cavalcanti (2017, p.103), “no percurso formativo, é importante também articular conhecimentos da ciência geográfica com outros tipos de conhecimentos, saberes e linguagens.” A autora atenta para a condição pós-moderna, marcada pelos diferentes modos de comunicação e produção da informação e para o uso das tecnologias no espaço escolar.

(...) a tecnologia e todas as possibilidades de potencializar as ações com seu auxílio são referências para a formação e é positivo que sejam exploradas, com criticidade e competência, articulando de modo seguro essas linguagens com as finalidades educativas, com suas possibilidades de contribuir para o desenvolvimento dos alunos do ponto de vista geográfico. Essa é já uma recomendação recorrente para a escola básica; então, os cursos de formação devem estar de igual modo, coerentes com essa demanda, explorando essa linguagem. E os professores que tem uma boa formação cultural, que conhecem e têm sensibilidade para entender e valorizar diferentes expressões culturais na música, na poesia, na pintura, na dança, e outras, articulando com artefatos tecnológicos disponíveis, sem preconceitos e estereótipos, têm mais chance de dialogar com seus alunos, portadores e produtores de múltiplas culturas. (CAVALCANTI, 2017, p. 103)

É importante não perder de vista que as aulas de Geografia devem se aproximar, sempre que possível, das questões que afetam o cotidiano dos alunos. Por isso, a importância de se intervir na escolha dos conteúdos e de se pensar os métodos que vão orientar o ensino de determinado assunto, para que os alunos não só se interessem por essa disciplina, como também a reconheçam enquanto uma *janela aberta para o conhecimento do mundo que os rodeia* (CACHINHO, 2004, p. 8).



O cotidiano e a educação geográfica

A escola, enquanto espaço social, nem sempre é vista como um espaço de produção do conhecimento. Os interesses despertados pelos diferentes sujeitos do processo educativo muitas vezes esbarram nas rugosidades inerentes a essa instituição, que se endurece para experiências de ensino-aprendizagem inovadoras.

Neste cenário, as realidades cotidianas quase sempre são relegadas ao segundo plano em detrimento do cumprimento dos programas curriculares do ensino regular e dos livros didáticos que organizam os conteúdos de modo a atender aos exames de avaliação, limitando assim, a troca de conhecimentos, saberes e experiências vivenciadas pelos principais sujeitos do processo educativo – os alunos.

A ditadura dos conteúdos faz com que o professor seja um mero transmissor do conhecimento, limitando, por sua vez, a participação dos alunos em sala de aula. Tal situação, acaba fazendo com que as aulas fiquem desinteressantes, desestimulando tanto os professores quanto os alunos.

As orientações presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998), no entanto, propõem que os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento devem estar articulados com as situações mais próximas e familiares dos alunos, de modo que eles problematizem os temas que atravessam o seu cotidiano e estejam mais preparados para enfrentar os problemas da sua realidade. Segundo os PCN (1988), os temas abordados na educação básica devem ser orientados com base nos quatro pilares da educação para o século XXI, a saber: *aprender a conhecer*: domínio dos instrumentos de autonomia intelectual; *aprender a fazer*: domínio de meios para agir sobre a sua realidade; *aprender a conviver*: domínio de participação e solidariedade em todas as atividades humanas; *aprender a ser*: domínio de autoconhecimento para um melhor desenvolvimento de sua personalidade e realização pessoal.

Cachinho (2004) nos fornece uma importante pista sobre as possibilidades de intervenção no sentido da renovação da prática pedagógica da educação geográfica, de modo que, seja possibilitado aos alunos, em idade escolar, experiências de aprendizagem verdadeiramente significativas. O autor aponta três ideias centrais que utilizaremos aqui para analisar de que modo os percursos formativos possibilitados pelo período de estágio supervisionado vêm contribuindo para a inovação da educação geográfica:

- I. mobilização efetiva do potencial formativo da geografia que, por sua vez, está atrelada à renovação conceitual e metodológica;
- II. valorização de situações de aprendizagem significativas na formação geográfica dos alunos, ou seja, do modelo de mediação que é oportunizado nas práticas de ensino de Geografia;
- III. reestruturação do ambiente de aprendizagem – a aula como espetáculo e os alunos como protagonistas do processo.

A primeira ideia implica na intervenção tanto a nível de conteúdo, que será abordado nas aulas de Geografia como do método utilizado para que os conceitos estruturantes dessa disciplina – espaço geográfico (categoria central), paisagem, lugar, região, território, escala, entre outros – possibilitem o aluno a compreensão do espaço como produto de relações sociais, sendo ele parte integrante desse processo. Para tal, os métodos utilizados devem ser pensados de modo que promovam uma geografia ativa, ou seja, eles devem “ajudar os alunos a interrogarem-se sobre os problemas geográficos que eles mesmos terão que dominar alguns anos mais tarde enquanto cidadãos” (DAVID, 1986 *apud* CACHINHO, 2004, p. 8).

A segunda ideia, por sua vez, está relacionada ao modelo de aulas que podem explorar o potencial da geografia em formar cidadãos ativos e participativos. Cachinho



(2004), dialoga com a concepção de escola do pedagogo brasileiro Rubem Alves que, ao abordar os problemas da educação na sociedade contemporânea, se refere aos diferentes modelos de escolas como *gaiolas* e *asas*. Segundo o autor, há escolas que são *gaiolas*, ou seja, que desencorajam os alunos a participarem de forma ativa do processo educativo, e há escolas que são *asas*, isto é, que possibilitam e que encorajam o aluno a voar. Transferindo para as aulas de Geografia, Cachinho (2004) diz que

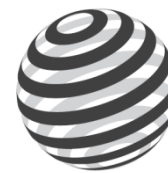
‘Gaiolas e asas’ não é uma metáfora, mas um modelo. Se queremos motivar os alunos para a aprendizagem da geografia, fazer com que estes encontrem sentido naquilo que lhe pretendemos ensinar, e por essa via mobilizar o potencial da ciência geográfica na formação de cidadãos geograficamente competentes, precisamos de nos esforçar para que as aulas criem asas e não gaiolas. Aulas de geografia que são gaiolas não favorecem a aprendizagem, antes pelo contrário. E, no entanto, o mais importante do que se passa no mundo sobre o qual queremos que os alunos tenham um espírito crítico, continua a estar fora da gaiola. (CACHINHO, 2004, p.10)

Ao transferirmos essa concepção de escola/aula para o processo *colaborativo* de formação de professores – ação associada à formação das pessoas nela envolvidas (professores universitários e professores da escola), é importante, se não urgente, que os novos professores sejam incentivados a desenvolverem, em suas práticas de ensino, aulas que possam encorajar os alunos a criarem asas e voar.

Quando colocados em liberdade, soltos dos arames que os mantem engaiolados (longas listagens de conteúdos de relevância duvidosa; um número infindável de objetivos standardizados, resolução de problemas que os alunos nunca sentiram como seus, gritos intimidatórios para impor silêncio, apenas para que o professor possa expor o seu discurso, ...), os alunos rapidamente ficam disponíveis para aprender, porque não têm que ocupar o tempo com estratégias que lhes tragam de volta a liberdade. Mas para que esta aconteça, é necessário confrontar os alunos com propostas honestas: apresentar-lhes para resolução de problemas reais, que lhe estão próximos e por isso os sentem como seus, ocupar o tempo com conteúdos significativos, fornece-lhes boas experiências de aprendizagem que, ao contrário do que muitas vezes alguns pseudopedagogos tem afirmado, numa espécie de nostalgia ao passado onde a democracia não existia mas tudo parecia correr às mil maravilhas, não tem necessariamente de ser chatas, dolorosas, como se não possa existir o aluno alegria em aprender. (CACHINHO, 2004, p.4)

Apesar dos avanços no debate sobre este problema e, também, face a algumas mudanças em termos de currículo, nada de significativo mudou nas escolas. Segundo o autor, “para conseguirmos mobilizar o potencial formativo da geografia o que precisamos é de fazer com que as **aulas deixem de ser menos espaços de ensino e mais lugares de aprendizagem.**” (CACHINHO, 2004, p.13, grifos nossos). Ainda segundo o referido autor, para que isso ocorra, é preciso:

- I. recentrar o processo de ensino-aprendizagem nos alunos, pois são esses que vão à escola aprender;
- II. reposicionar os alunos e professores nas práticas pedagógicas, substituindo aulas concebidas como um espetáculo onde o aluno desempenha o papel de expectador por aulas onde se torna protagonista do processo de aprendizagem;
- III. remodelar o ambiente e as ambiências nas salas de aula, de modo a “apagar a linha que separa o palco da plateia e se colocam em cena



verdadeiras experiências de aprendizagem” (CACHINHO, 2004, p. 16).

Na próxima seção, iremos apresentar as experiências formativas possibilitadas aos alunos do curso de Licenciatura em Geografia em período de estágio supervisionado, através da parceria entre a PUC-Rio e a Escola Municipal Georg Pfisterer.

Quando a sala de aula se faz lugar...

Nos últimos anos, como professora de Geografia da Secretaria Municipal do Rio de Janeiro (SME-RJ), como supervisora do PIBID e, mais recentemente, como mestranda em Geografia da PUC-Rio, tenho acompanhado ações colaborativas entre a universidade e a escola pública, no sentido de qualificar o processo de formação inicial de professores de Geografia para atuar na educação básica.

Através da parceria estabelecida entre a Escola Municipal Georg Pfisterer, localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro e a PUC-Rio, os alunos da Licenciatura em Geografia da PUC-Rio vem desenvolvendo ações que tem como objetivo proporcionar aos estudantes do ensino público uma aprendizagem mais significativa dos conhecimentos que envolvem essa disciplina.

Para tal, os licenciandos são incentivados pelos professores das diferentes instituições a desenvolverem atividades que promovam a renovação das estratégias didático-metodológicas da Geografia Escolar, como por exemplo: a elaboração de materiais didáticos-pedagógicos, o planejamento de atividades que promovam a interdisciplinaridade, a realização de trabalhos de campo e a elaboração de planos de aula que estabeleçam o diálogo entre o conteúdo desta disciplina e questões que envolvam o cotidianos dos estudantes da educação básica.

Nesse sentido, durante o segundo semestre de 2017, a sala de aula se fez lugar do espetáculo, reunindo diferentes atores do processo educativo – professor universitário, professor do ensino básico, alunos do curso de Licenciatura em Geografia da PUC-Rio e os alunos do ensino fundamental. Esses momentos, proporcionaram o compartilhamento de experiências e saberes, que se esforçaram para dar um novo sentido à geografia que se ensina.

No compromisso coletivo de formar os futuros professores de geografia, nos deparamos com o desafio de inovar as práticas educativas de modo que fosse oportunizado aos estudantes da educação básica experiências de aprendizagens mais significativas.

Ao serem entrevistados, os alunos do curso de Licenciatura em Geografia em período de Estágio Supervisionado III, apontaram para os desafios da profissão, para os conhecimentos apreendidos através da parceria entre a universidade e a escola básica. De acordo com os estagiários,

Dar aula para o ensino fundamental II não é uma tarefa das mais fáceis, todos os alunos têm interesses pessoais e que com certeza a primeira opção não é assistir uma aula as sete da manhã. Sempre que estive dentro de sala de aula procurei uma dinâmica agitada e interativa para poder prender a atenção de todos e articular com eles a dinâmica da aula. (Aluno da disciplina Estágio Supervisionado)

Ao acompanhar as aulas ministradas por ela pude aprender mais sobre diferentes métodos de passar o conteúdo para os alunos de forma mais didática. Isso se refletiu ao ministrar minha primeira aula na 1601 em que a turma foi bastante receptiva e pude ser mais lúdica e didática ao passar um conteúdo um pouco denso. Além de ter sido a primeira vez que me senti bem



em estar em uma sala de aula na posição de professora. (Aluna da disciplina Estágio Supervisionado III)

Percebo como sendo muito positiva, já que os professores da escola básica já possuem a experiência que nós, futuros docentes, não possuímos e dificilmente adquirimos na universidade, ainda que tenhamos muitas matérias que versem sobre a profissão de professor. Isto porque ser professor de educação básica envolve desafios diferentes de ser um professor de universidade, uma vez que nesta os alunos teoricamente estão em sala de aula espontaneamente, já trazendo consigo o interesse pelo conteúdo a ser aprendido. Assim, a troca entre professores da educação básica e professores da universidade pode trazer melhorias para a formação de futuros docentes. (Aluna da disciplina Estágio Supervisionado III)

As avaliações dos alunos da graduação mostram esse movimento em prol da inovação da educação geográfica. Os alunos em período de estágio supervisionado apontaram a importância da prática docente no desenvolvimento de um profissional reflexivo, que busca, através das suas ações, melhorar a qualidade da educação básica.

Na Universidade nos foi passado, de forma didática e objetiva, os problemas e os desafios, que iríamos encontrar, ver, sentir e lidar na realidade escolar. A grande importância do estágio para a formação docente é a possibilidade de conhecer com afinco a realidade da escola, a partir de uma ótica dialética, como uma maneira de vencer a fragmentação entre os "mistérios" que rodeiam a sala de aula e entre a teoria e a prática. Meu objetivo sempre foi fazer a diferença, sendo executando aulas planejadas até o tratamento com os alunos e a comunidade escolar. Acredito que a parceria entre professores da escola básica e da universidade é uma experiência única oferecida pela PUC-Rio. (Aluno da disciplina de Estágio Supervisionado III)

Minha análise sobre o estágio supervisionado no Georg Pfisterer foi que não há como ministrar uma ótima aula diante de todas as dificuldades que a escola apresenta. Porém, é possível como profissional da educação tentarmos fazer o nosso melhor para que possamos formar minimamente indivíduos capazes de refletir e ter conhecimentos de assuntos básicos. O mínimo de conhecimento e aprendizagem que cada aluno absorve dá a ele a chance de exercer a sua cidadania como indivíduo na sociedade. (Aluno da disciplina Estágio Supervisionado III)

A experiência de dar uma aula e nela ter a "regência" da turma trouxe mais confiança e mais vontade de seguir na preparação para a carreira de docente. Por outro lado, assistir às aulas como se fosse um aluno nos primeiros períodos de estágio supervisionado não parece contribuir tanto quanto a participação ativa junto ao professor na sala de aula. (Aluno da disciplina Estágio Supervisionado III)

Sobre o potencial formativo da educação geográfica, os estagiários destacaram que a Geografia, enquanto disciplina escolar, é importante pois revela ao estudante o seu lugar no mundo. Conhecer o mundo em que vive é condição necessária para que o aluno desperte um olhar mais crítico sobre a sua realidade e, assim, atue de forma reflexiva e participativa.

A geografia é uma disciplina que vai muito além dos horizontes escolares. É nítido o interesse dos alunos por assuntos que há muito tempo não faziam parte do ambiente escolar. Isso é um mérito da Geografia e de disciplinas



paralelas. A formação crítica passada para eles forma cidadãos mais interessados e com novas perspectivas de mundo. (Aluna da disciplina Estágio Supervisionado III)

A geografia colabora nessa formação mais crítica por trazer para a discussão questões do espaço onde o aluno vive, levando-o a pensar sobre elas, trabalhando questões que envolvem aspectos sociais, políticos, econômicos e ambientais que dão uma base sólida para que os alunos se tornem realmente agentes de transformação do espaço. (Aluno da disciplina Estágio Supervisionado III)

Muitos são os desafios do cotidiano escolar. Na escola pública, esses problemas parecem se avolumar. Falta de professores, redução nos investimentos destinados à manutenção da escola e à compra de material escolar, salas de aula lotadas, alunos indisciplinados, são alguns dos problemas que envolvem o cotidiano dos professores da educação básica que trabalham na rede pública. Nesse sentido, as vivências possibilitadas pelos momentos de estágio colaboram não só no sentido da formação, mas igualmente para a consolidação da identidade e das escolhas profissionais face a uma realidade nem sempre atraente.

Ao falar sobre o espaço escolar é inevitável não ressaltar os aspectos negativos que a escola apresenta: as salas não comportam o número necessário de carteiras para a quantidade de alunos matriculados o que na maioria das vezes os levam a retirar de outras salas as carteiras sobrando. Isso gera um movimento conturbado e agitação na turma de forma que o professor perde tempo da sua aula de cinquenta minutos. Além disso, por haver muita ausência de professores, algumas turmas ficam com tempos vagos e vão para quadra ou para o pátio da escola provocando um intenso barulho que, somado ao das salas de aula, torna quase que impossível lecionar a aula devidamente. (Aluno da disciplina Estágio Supervisionado III)

Esse ano, em especial, dentre os muitos problemas enfrentados no espaço escolar, a violência atravessou de forma perversa o cotidiano dos alunos, muitos moradores da Rocinha – maior favela da América Latina. Entre tiros e toques de recolher, o direito mais fundamental desses alunos, muitas vezes foi negado. Foram dias encontrando a escola vazia. Os poucos que chegavam na escola, relatavam momentos desesperadores. Alguns professores e estagiários se esforçavam para acolher e devolver a esses alunos a alegria de viver e continuar...

Para não concluir...

A nossa condição humana nos caracteriza como seres inacabados e tal condição não seria diferente com os professores. Pois bem, não nascemos prontos e a nossa formação não se encerra com o fim da graduação. Tudo muda o tempo todo, não é mesmo?

Como professora de Geografia da educação básica venho refletindo sobre papel que desempenho na formação inicial dos alunos do curso de Licenciatura em Geografia da PUC-Rio, sejam eles alunos das disciplinas de Estágio Supervisionado ou bolsistas de iniciação à docência do PIBID/Geografia da PUC-Rio. Digo isso porque, desde que passei a recebê-los, percebi que muita coisa tinha mudado na formação de professores, pelo menos em relação ao meu percurso formativo.

Tanto os acontecimentos das aulas que acompanhei na universidade, na disciplina de Estágio à Docência, como aqueles que supervisei na escola que contemplavam a



disciplina de Estágio Supervisionado III, possibilitaram a troca de conhecimentos e experiências entre os diferentes sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Além da maior aproximação dos alunos da Licenciatura com as rotinas vivenciadas durante o segundo semestre letivo de 2017, os encontros possibilitaram uma maior articulação entre teoria e prática e as discussões sobre as aulas planejadas e dadas nos estágios. Os relatos de experiências dos alunos em período de estágio revelam os medos e as perspectivas de uma nova geografia escolar, comprometida em despertar no estudante da escola básica, novos olhares para o mundo que nos cerca.

Refletir sobre as vivências oportunizadas pelos momentos de estágio supervisionado, organizado em uma parceria ativa de professores da universidade, professores da escola e alunos, nos permite concluir que, os “tempos” de formação, quando bem aproveitados, se tornam “tempos” de produção de conhecimentos, pois possibilitam o compartilhamento de experiências e a diminuição das distâncias criadas entre os diferentes sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Como consequência direta, verificamos um processo formativo que vem contribuindo para a renovação das práticas de ensino desta disciplina, proporcionando aos alunos em formação, experiências de aprendizagens mais significativas e efetivas no desenvolvimento do seu papel enquanto cidadão ativo.

Referências bibliográficas

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

_____. Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduandos e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada*. Resolução CNE/CP n.02/2015, de 1º de julho de 2015. Brasília, Diário Oficial da República Federativa do Brasil, seção 1, n.124, p.8-12, 02 de julho de 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em 02 de dezembro de 2017.

_____. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular, 2017*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em 02 de dezembro de 2017.

_____. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

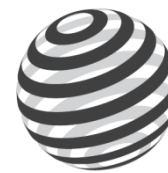
_____. Portaria Normativa n. 38, de 12 de dezembro de 2007. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Diário Oficial da União, n. 239, seção 1, p. 39, 2007.

CACHINHO, Herculano A.P. Criar asas: do sentido da geografia escolar na pós-modernidade. Actas do V Congresso da Geografia Portuguesa. Portugal: Territórios e Protagonistas, Guimarães, 2004.

_____. *Formação e inovação na educação geográfica: os desafios da pós-modernidade*. In: Ensinar Geografia na Sociedade do Conhecimento (pp. 453-472). Lisboa: APG/AGE.

CAVALCANTI, Lana. *Ensino de Geografia e demandas contemporâneas: práticas e formação docentes*. In: A Geografia no Cenário das Políticas Públicas Educacionais. Adriana Olivia Alves, Anna Maria Kavacs Khaoule (Orgs.). – Goiânia: C&A Alfa e Comunicações, 2017. 236p.

MORIN, Edgard. *Sete Saberes necessários para a Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez, 2001, 7. Ed



NÓVOA, Antonio. Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações Don Quixote, 1992.

SILVA, Augusto César Pinheiro da RODRIGUES, R. C. A. ; ALKMIM, M. A. ; COSTA, T. V. .
Educação geográfica em foco: temas e metodologias para o ensino básico. 1. ed. Rio de Janeiro: Lamparina / FAPERJ, 2014. v. 1. 91p.